

# *Auto de Santo Aleixo*

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

## FICHA TÉCNICA

Título: *Auto de Santo Aleixo*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Junho de 2007

ISBN: 978-972- 9249-07-5

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## 1. Edições existentes no CEAMM

Desta obra encontram-se no CEAMM duas cópias, uma dactilografada e outra impressa, já escrita em computador, que deverá ter sido feita a partir da versão dactilografada.

Qual a versão que esteve origem a estas cópias? Não sabemos.

Pela reprodução da capa sabemos que estas versões foram retiradas da edição de 1659, na *Officina de Domingos Carneyro*. Contudo, esta versão não se encontra no espólio de Dr. Mourinho. Refira-se apenas que, das obras de Baltazar Dias, com excepção da história do *Príncipe Claudiano*, de que se conhece uma edição de 1542 e se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid, todas as outras edições conhecidas são dos séculos XVII e XVIII.

## 2. Origens

A *Vida de Santo Aleixo* foi primeiramente escrita em latim, aí pelo século VIII ou IX, por um autor anónimo, possivelmente por um monge do Mosteiro de S. Bonifácio, em Roma, onde, segundo a tradição, foi sepultado o santo. No Mosteiro de Alcobaça, onde se conserva um códice com esse texto em latim, os monges de São Bernardo traduziram-no para a língua vulgar, em prosa, “a fim de satisfazerem a piedade” dos fiéis<sup>1</sup>.

O *Auto de Santo Aleixo* insere-se nesse imaginário, onde se incluem outras obras de literatura hagiográfica nas quais se exprime a inutilidade deste mundo que se constitui apenas como uma procura e uma demanda. O exemplo da sua vida de peregrino, abandonando as riquezas terrenas, rumando ao Oriente onde vive como mendicante, serviu como tema para muitas prédicas e impressionou muitos auditórios.

Baltazar Dias, o “cego que o povo mais amou”, terá aproveitado uma destas fontes para reconstituir esta história de exemplo que, à maneira medieval, se configura como uma história de exemplo e de moralidade.

## 3. Representações

Segundo informa Valdemar Gonçalves esta obra ter-se-á representado na Póvoa, “em data que não se pode precisar”. Não temos notícias de outras representações.

---

<sup>1</sup> F. Esteves, “Vida da Santo Aleixo segundo os códices do Mosteiro de Alcobaça”, in *Revista Lusitana*, Volume 1, 1888-1889, pp. 332-339.

# AUTO DE SANTO ALEIXO

Obra novamente feita da vida do  
Bem-aventurado Santo Aleixo, filho  
de Eufemiano Senador de Roma.

Feita por Baltazar Dias

Em Lisboa. Na Oficina de Domingos Carneyro.

Ano de 1659

## *Auto de Santo Aleixo*

Em que falam:

EUFEMIANO, senador de Roma  
AGLAIS, sua mulher  
ALEIXO, seu filho  
O IMPERADOR HONÓRIO  
A IMPERATRIZ  
SABINA, sua filha  
TRÊS EMBAIXADORES  
UM CAMAREIRO DE EUFEMIANO  
O PAPA  
QUATRO CARDEAIS  
UM POBRE  
UM ANJO  
UM DIABO

*Entra logo o Imperador, falando com Eufemiano:*

Muito há que esperamos  
Vossa vinda. Onde estais?  
E pois que aqui nos achamos,  
O que todos desejamos,  
Razão é que o saibais.  
Os bens deste firmamento  
Não estão sempre num ser,  
Que se mudam, como o vento,  
E vemos que num momento  
Vem o pesar, e o prazer.  
Ao que está atribulado  
Se lhe muda em alegria,  
E às vezes em mal dobrado;  
E quem vive sem cuidado  
Tem tristeza e agonia.  
Assim que permanecer  
Não vemos *cousa* nenhuma,  
Porquanto meu parecer  
É que não se deve ter  
No mundo esperança alguma.  
Tornando ao começado  
Propósito, com que falei,  
Digo que vosso chamado  
Por nós todos desejado  
Foi, ao que vos direi.  
Vós tendes por sucessor  
Um filho que os homens  
Todos lhe devem louvor:  
Praza a nosso *Redemptor*

Que viva por muitos anos.  
Não menos será senhora,  
Deste império que gozamos,  
Nossa filha sucessora,  
Quando desta vida vamos.  
E porque nós não sabemos,  
Quando Deus será servido,  
Que este mundo deixemos  
Será bom que ordenemos  
Dar-lhe com cedo marido.  
E pois vosso louvor  
A todo o mundo quadrilha,  
Vosso filho Senador  
Quero que seja senhor  
Deste império, e minha filha.  
Assim que muito lhe rogo,  
Pois que isto vem dos céus,  
Que não tarda de ser logo;  
Porque me abrasa o fogo,  
Que vem da graça de Deus.

EUFEMIANO  
Senhor por tantas mercês,  
Como me faz de contínuo,  
Lhe quero beijar os pés;  
Desta que agora me fez,  
Me acho por muito indigno.  
Não há mister de rogar,  
A quem é servo, senhor,  
Senão somente mandar:  
Mas por mais me obrigar,  
Dá-me tão grande honor.  
E pois que gratificar  
Vos não posso com serviço,  
Praza àquele Deus, sem par,  
Que lhe queira ele dar,  
Quanta glória eu cobiço.

IMPERADOR  
Será bem que logo vamos  
Com Aleixo concordar  
O que todos ordenamos;  
Porque já o começamos,  
Não lhe demos mais vagar.

EUFEMIANO  
Eu o mandarei chamar;  
Que nada não se detenha,  
E sem mais o dilatar  
Ide prestes a chamar

Meu filho que logo venha.

*Vindo Aleixo diz Eufemiano*

EUFEMIANO

Filho meu, e meu viver,  
Vós sois tão bem ensinado,  
Que não saireis do mandado  
Daquilo que eu quiser.  
O senador Imperador,  
E a senhora determina,  
Sem serdes merecedor,  
Que vós sejais o senhor  
De sua filha Sabina.  
Isto temos concordado  
Já com aprazimento  
Para isto sois chamado;  
Rogo-vos filho amado,  
Que aceíteis o casamento.

ALEIXO

Por certo, padre e senhor,  
Eu não digo tão somente  
A vós que sou devedor,  
Mas ao senhor imperador,  
Que aqui está presente.  
E também pela senhora  
Altíssima Imperatriz,  
De todos superiora;  
Em que fora uma pastora,  
Eu fizera o que ela diz.  
Assim que pois já é feito,  
Eu sou *mui* contente disso,  
Praza a Deus que seja *aceito*  
Para seu santo serviço.

EUFEMIANO

Ide já com brevidade  
O Padre Santo chamar:  
Dizei a Sua Santidade  
Que sua Real Majestade  
Lhe manda muito rogar.  
Que com os seus Cardeais  
Seja logo neste Paço,  
E contai-lhe tudo o mais:  
Filho, vossa madre Aglais  
Venha aqui sem mais espaço.

IMPERADOR

Venha Sabina também,  
Com todas suas donzelas,  
Porque todos aqui estejam;

A vós, Senhora, convém,  
Que vades logo por elas.

*Vai-se Aleixo a buscar sua mãe, e a Imperatriz a buscar sua filha Sabina; e vindo diz:*

IMPERATRIZ

Filha, vós deveis dar  
Graças ao Rei dos Reis,  
Que quis, para vos guardar  
No melhor tempo vos dar  
O bem que vós mereceis.  
Louvemos ao Redentor  
Deste mundo de opressão,  
Quando sua vontade for,  
Pois deu tão bom sucessor  
Ao império Romão.

*Aqui entram os chamados; e diz a mãe de Santo Aleixo à Imperatriz:*

MÃE

Oh! Soberano prazer!  
Oh! Singular alegria!  
Bendito seja o poder  
Do Senhor, que quis fazer,  
Este tão grande dia;  
Por certo, nobre Senhora,  
Nunca cuidei em meus dias  
Ver-me como estou agora.

IMPERATRIZ

De mais sois merecedora  
Que estas honras tão vazias.

ANGLAIS

Por mim se pode dizer  
Ser a mais afortunada,  
Que *soie* no mundo mulher;  
Qualquer mal que me vier,  
Não o devo ter em nada.

IMPERADOR

Senhora a todos alcança  
O bem que todos cobramos,  
E a comprida bem andança,  
Praza a Deus, que esta folgança  
Por muito tempo a tenhamos!

PAPA

Claríssimo Imperador,

Salvé, Real Majestade,  
Praza a nosso Redentor  
Que lhe dê na glória honor,  
Pois lhe deu dignidade.

IMPERADOR

Pastor mandado de Deus,  
Em a terra sublimado,  
Os merecimentos seus  
São mores que meu estado:  
Portanto este louvor,  
A ele se deve dar,  
Terem no Céu tal vigor;  
Que eu não sou merecedor  
Para seus pés lhe beijar.

PAPA

Filho, aqui fui chamado  
Pelo seu embaixador,  
Contou-me o que é passado,  
Deus seja sempre louvado,  
Por lhe dar tal sucessor,  
Pois aqui somos chegados,  
Não cumpre que mais se aguarde  
Por sermos certificados,  
Sejam logo desposados,  
Antes que seja mais tarde.  
Tomai, filhos vossas mãos,  
Que assim o hão-de fazer  
Os verdadeiros cristãos;  
Que esta ordem, meus irmãos,  
Por igual se há-de suster.  
Pois o senhor, em vós pôs  
Tanta discrição sobeja,  
Dizei, ante Deus, e nós:  
Aleixo, eu recebo a vós,  
Como manda a Santa Igreja.  
Dizei vós, filho, também,  
O que me ouviste dizer,  
Praza a Deus, que é o sumo bem,  
Que a logreis com prazer,  
Rogo ao Senhor dos Céus,  
Que por muitos anos seja.

ALEIXO

Sabina, eu recebo a vós,  
Assim como manda Deus.  
E a Santa Madre Igreja.

PAPA

A bênção do Eterno Padre  
Glorioso, Onnipotente,

De toda a Santa Trindade,  
E da Virgem Filha, e Madre.  
Vos cubra, e vos acrescente.

*Farão grande festa e diz Eufemiano*

Visitai a vossa esposa,  
Pois que já sois desposados:  
Olhai como está formosa:  
Não é cousa vergonhosa,  
Pois que Deus vos fez casados:

*Aqui leva Aleixo a Sabina pela mão a uma  
câmara e diz Aleixo:*

ALEIXO

Deus vos salve, amiga de Deus  
Esposa de Jesus Cristo,  
Dê-vos o Senhor dos Céus  
A Glória, que deu aos seus,  
Pois nascestes para isso.

SABINA

A Santíssima trindade,  
Três pessoas em uma unidade,  
Padre, Filho e Espírito Santo,  
No reino da claridade  
O cubra com o seu manto.

ALEIXO

Muito bem é em verdade  
O que bem casado é;  
Mas melhor é castidade:  
Que Deus ama a virgindade,  
Como mui claro se vê:  
Deus quis a Virgem escolher,  
E nela quis encanar,  
E de Virgem quis nascer,  
Para todos nos salvar,  
E a santa glória alcançar.  
A Virgem Santa Luzia  
Olhai como a colocaram:  
Santa Cecília e Iria,  
E também Santa Eufémia,  
Porque Virgens acabaram.  
Como foram colocadas  
Bárbara e Catarina,  
Que foram martirizadas,  
E Virgens glorificadas  
Naquela glória Divina.  
Quantas senhoras famosas,  
Por guardarem virgindade,

São santas mui gloriosas  
E são chamadas esposas  
Da Santíssima Trindade:  
Vistes nunca em vossos dias,  
Em que as outras festas todas  
De Senhoras de valia,  
Fazer-se tais alegrias,  
Como foi em nossas bodas?

SABINA

Por certo nunca tais vi.

ALEIXO

Quereis que a morte, e vida  
Sempre a tenhamos assim.  
E com honra mais crescida?

SUBINA

Certamente, senhor, sim.

ALEIXO

Pois, esposa, a mim convém  
Ir-me de vossa presença.  
Daqui a Jerusalém:  
Se a vós parecer bem,  
Seja com vossa licença;  
Porque quando eu tornar,  
Eu trarei tantos prazeres,  
Que sempre possam durar,  
Os quais vos hão-de alentar,  
Mais que todos os haveres.

SABINA

Senhor, como ele quiser,  
Eu também serei contente  
O que podereis vós querer,  
Que a mim não seja presente?

ALEIXO

Este anel lhe quero dar,  
Porque se *alembre* de mim  
Cada vez que o olhar,  
Peco-lhe o queira guardar,  
Até minha vinda aqui.

SABINA

Sou contente de fazer,  
O que me manda que faça.

ALEIXO

O mais cedo que puder,  
Vos virei, Senhora, ver,

Deus vos cubra com sua graça.

*Vai-se Aleixo, topa um pobre, e diz o POBRE:*

POBRE

Senhor Deus, vós que nascestes  
E te criastes com pobreza,  
Com a qual sempre viveste  
Todo o tempo, que estiveste  
Neste vale de tristeza,  
Eu vos rogo humildemente,  
Pelo mistério de crer,  
Que fizeste tão eminente  
A um número de gente,  
Que vos aprouve de manter  
Com cinco pães e dois peixes.  
Eu vos rogo, meu senhor,  
Que este pobre pecador,  
Em tal tempo não nos deixes;  
Não olheis tanto o pecado,  
Que contra vós cometi,  
Desde quando há que sou nado  
Do ventre de onde nasci.  
Riqueza não hei mister:  
Porque eu pobre nasci,  
E pobre hei-de morrer,  
Não quero, Senhor, de ti,  
Senão poder-me sofrer.  
Rogo à vossa clemência,  
Se pobreza me quer dar,  
Que me queira consolar  
Com alguma paciência,  
Para não desesperar.

ALEIXO

O Senhor vos salve, irmão,  
Que salvou a Israel,  
Que tão grande sujeição,  
Como aquele rei cruel,  
Lhe fazia sem razão.  
Vossa sobeja pobreza  
Me faz certo, ao que estais,  
Acompanhado de tristeza,  
Da qual a mim tanto pesa,  
Que não poderá ser mais.  
E se vós, irmão quereis,  
Eu vos darei meu vestido,  
Contanto que vós me deis  
Esse mesmo que trazeis,  
Porque vá desconhecido.

POBRE

Senhor, eu não posso crer  
Senão lhe falas fingido;  
Porque em tempo de mister  
Me vestes, por ficar despido.

ALEIXO

Irmão, a ti te convém,  
Pois não tens de que gastar;  
E a mim me cumpre também  
Com este teu caminhar.

POBRE

Rogo àquele Rei da Glória,  
Que ele lhe queira pagar  
Esta obra meritória;  
Eu terei isto em memória,  
Enquanto vivo durar.

*Trocam os vestidos e diz ALEIXO*

ALEIXO

Meu Deus e meu Redentor;  
Que por nós morte passastes,  
Não sendo merecedor,  
Sendo da glória Senhor,  
Nossa fraqueza tomastes;  
E quisestes dos Judeus  
Ser preso e crucificado  
Pêlos pecados dos teus,  
Sendo verdadeiro Deus,  
Morrestes tão mal tratado.  
Padre dos desamparados,  
Dos tristes consolador,  
Lume dos atribulados,  
Senhor, que tirais pecados,  
Ao que é mais pecador,  
Rogo-vos, Senhor, Deus meu,  
Pois tão caro me comprastes  
Com gotas de sangue teu,  
Que não perca, Senhor, eu  
A glória que me ganhastes.

*Oração a Nossa Senhora*

Oh Rainha de piedade,  
Do reino Celestial,  
Arca da Santa Trindade!  
Oh perfeita caridade!  
Da geração humana.  
Vós sois Virgem antes do parto,  
Fonte de misericórdia,  
Vós sois o mar de perdão,

Que encaminha os errados,  
Mais é vossa perfeição,  
Do que são nossos pecados.  
Rogo-vos, Santa Rainha,  
Pois os enfermos curais,  
Que queirais dar-me a mezinha;  
Porque esta doença minha  
Não se acrescente mais.

*Aqui dirá o IMPERADOR*

IMPERADOR

Será bem que logo vamos  
Visitar os esposados,  
Assim juntos como estamos;  
E que não nos detenhamos,  
Que já serão levantados.

EUFEMIANO

Senhor, muito bem será,  
Porque já é alto o dia,  
Vamos todos logo lá,  
E não fique ninguém cá,  
Por lhe dar mais alegria.

*Vão todos à cama e diz o IMPERADOR:*

IMPERADOR

Como estais, filha, assim  
Só sem ter mais companhia?  
Vosso esposo não está aqui?

SABINA

Desde ontem não mais o vi.

IMPERADOR

Não vos disse onde ia?

SABINA

Ele me pediu licença  
Para ir a Jerusalém,  
Com mui alegre presença,  
Eu lha dei sem mais detença,  
E se partiu sem ninguém.

IMPERADOR

Sem nos fazer a saber,  
Se havia assim de partir;  
Não sei que isto possa ser,  
Porque sem mais se deter,  
Que já tarda em não vir?



SABINA

Vão-no logo a buscar  
Estes nossos principais;  
Muito me faz espantar  
Não querer nenhum levar.

EUFEMIANO

Ireis todos como estais.

*Aqui vêm os embaixadores e diz o PRIMEIRO*

1º

Eu não sei porque se iria  
Aleixo, nosso senhor.

2º

Quem vai a tal romaria,  
Não há mister companhia;  
Por isso só foi melhor.

3º

Devem todos com razão  
Dar graças ao Redentor,  
Por dar ao Imperador Romão  
Tal homem por sucessor.

EUFEMIANO

Ou eu perdi o sentido,  
Ou me engana a fantasia,  
Ou Aleixo é perdido;  
Porque aquele é o vestido,  
Que ele nas bodas trazia.

2º

Bem é ele de conhecer.

3º

Sem dúvida aquele é o seu  
Vestido, que lho vi trazer;  
Vamos depressa por ver,  
Como o houve e quem lho deu.

EUFEMIANO

Vós *haveis-nos* de dizer,  
Quem vos deu esse vestido,  
Que não vos convém trazer?

POBRE

Porque o quereis saber?

EUFEMIANO

Porque de nós é conhecido.

2º

Eu creio que vós achastes  
A nosso senhor dormindo,  
*Entonces*<sup>2</sup> que o matastes,  
Depois de morto o roubastes,  
Agora vindes rugindo.

POBRE

Vossa razão não é clara,  
Antes é falsa e fingida;  
Porque se eu o matara,  
Nunca por aqui passara  
Em dias de minha vida.

3º

Os vestidos conhecemos  
Que são de nosso senhor;  
E pois a este não vemos,  
A vós convém que levemos  
Diante do Imperador.

POBRE

Seja o que vós quereis;  
Porque ainda que eu vos diga  
Verdade, não me creereis;  
E portanto não tardeis,  
Por vós fica esta fadiga.

*Aqui levam o pobre diante do Imperador, e  
Eufemiano, Aglais, e diz um dos embaixadores*

EMBAIXADOR

Senhor, vosso filho não vem,  
Nem novas dele em verdade;  
Nem quem nos diga também;  
Fomos a Jerusalém,  
E andamos toda a cidade.  
Tornando para o buscar,  
Todos afligidos,  
Com grande tristeza e pesar,  
Vimos de longe assomar  
Estes homens com seus vestidos.  
Como os houve ou quem lhos deu;  
Pois está neste lugar,  
Bem lhe pode perguntar  
A verdade, senhor meu.

---

<sup>2</sup> Advérbio, antigo, o mesmo que “então” (< lat. vg. *\*intunce*).

### ANGLAIS

Oh que novas tão estranhas,  
Perdido é o meu filho,  
Carne das minhas entranhas,  
Chorem todas as *campanhas*<sup>3</sup>  
Pois perderem tal *caudilho*<sup>4</sup>  
Oh, desditosa nascida,  
Mais que todas as mulheres!  
Oh sem ventura perdida!  
Para que quero eu a vida,  
Com tão amargos prazeres!

### EMBAIXADOR

Dize, homem sem piedade,  
Quem te moveu a cometer  
Esta tão grande maldade?  
Não nos negues a verdade,  
Porque se há-de saber.  
Dize como o tomaste,  
Ou de que modo o roubaste.  
Ou também se o mataste?  
Não queiras nada encobrir.

### POBRE

Senhor, bem pode fazer  
De mim, sua Majestade  
Tudo o que lhe aprouver  
Se é vosso parecer,  
Ou eu cometi tal maldade.  
Verdade é que este vestido  
Foi seu, alto Imperador  
Mas por mim não foi pedido,  
Não queira Deus que ofendido  
Seja por mim tal senhor,  
Que só por sua vontade  
Se despiu para ma vestir,  
Havendo de mim piedade:  
E esta é, Senhor, a verdade.  
Tomando os vestidos meus,  
Com os joelhos no chão,  
Os olhos postos no[s] Céus,  
Louvando contínuo a Deus,  
Chorando com contrição  
Depois, senhores o vi,  
Pedindo com outros pobres,  
E eu logo me parti,  
Para vir vender aqui  
Estes vestidos tão nobres;

<sup>3</sup> Embora seja esta a palavra que nos aparece no texto, a forma “original” deveria ser “campanas”.

<sup>4</sup> Por “caudilho”?

Porque não podia achar  
Em outra terra comprador,  
Para tais roupas comprar;  
Por isso, senhor, entrei  
Aqui em esta cidade,  
Onde tais novas achei.  
Já lhe disse, o que sei,  
Faça-se sua vontade.

### IMPERADOR

Dizei-me a que lugar  
Vos parece que iria,  
Porque o mandemos buscar?

### POBRE

Aonde eu o vi andar,  
Se chama a Ilha de Dostría.

### IMPERADOR

Peço-vos, me perdoeis,  
Se vos fiz algum despeito,  
Ide, aonde quereis,  
Que os vestidos que trazeis,  
São vossos já de direito.

### AGLAIS

Ai de mim, triste coitada,  
Mais de quantas são nascidas,  
Que serei desconsolada,  
Mesquinha, desventurada,  
Mais que toda afligida,  
Rompa-se meu coração,  
Feneça já minha vida.  
Com mortal tribulação,  
Venha minha perdição  
Pois minha vida é perdida.  
Cubram-se as nuvens de dó,  
Escureça o sol e a lua  
E as trevas de Faraó<sup>5</sup>  
Descendam sobre mim só,  
Mesquinha mais que nenhuma.

### SABINA

<sup>5</sup> Repare-se na semelhança destes versos com a “Tragédia do Marquez de Mântua”, no pranto de Valdevinos:

“Chorem todas as companhas  
Minha grande perdição  
Escurecem-se o sol com dó  
Caem as estrelas de céu  
As trevas de Faraó  
Venham já sobre mim só.”

Oh claridade do dia,  
Meu esposo, e meu Senhor,  
Minha doce companhia,  
Meu prazer, minha alegria,  
Glória, e descanso meu.  
Oh prazer de minha glória,  
Senhor de minha memória,  
Vida de minha vitória,  
Morte de quem vos perdeu.  
Onde vos irei buscar,  
Oh meu tão bondoso,  
Meu descanso singular,  
Alívio do meu pesar,  
E meu dulcíssimo esposo.

EUFEMIANO

Senhora, este pesar  
Não deve ser tão crescido,  
Como vós o quereis tomar;  
Segundo ouvistes contar,  
Nosso filho não é perdido.  
Que também nós sentiremos  
*Gran* pesar em se perder,  
Pois que nele parte temos;  
E mais agora não vemos,  
Porque o possamos crer.

IMPERADOR

O que se há-de fazer,  
Seja de muitos buscado,  
Onde ouvimos dizer,  
Que não se possa esconder,  
Que por fim não seja achado.

EUFEMIANO

Eu mandarei logo armar  
Muitas naus com artilharia;  
Que vão por terra e por mar,  
Se não se pode achar  
Nesta Ilha de Dostría.

*Aqui vão os embaixadores em procura de Aleixo,  
o qual diz esta oração:*

ALEIXO

Oh Redentor verdadeiro,  
Filho do Senhor dos Senhores,  
Que como manso cordeiro  
Passastes tanto martírio,  
Por salvar os pecadores.  
E quisestes ressurgir,  
E o inferno quebrantar,

E depois aos Céus subir,  
Pelo mundo redimir,  
Que era sujeito a secar:  
Por sua santa nascença  
Por tua morte e paixão  
Me livra da tentação  
Do inimigo e tua ofensa.  
Eu prometo de acabar,  
O que tenho começado:  
Rogo-te, senhor, sem par,  
Que me queiras ajudar,  
Porque não tome o pecado.

*Vem o Diabo para o tentar em figura de pobre, e  
diz ALEIXO:*

ALEIXO

Deus lhe dê a salvação,  
Por sua clemência infinita,  
Eu lhe rogo, meu irmão,  
Se não recebe paixão,  
Me diga, de onde é a vinda?

DIABO

Minha vinda é de Roma,  
Porque fora da cidade  
Há tão pouca caridade,  
Que não acho pão que coma.

ALEIXO

Se há novas que contar,  
Peço-vos que mas digais.

DIABO

Novas lhe posso eu dar,  
Que são de muito pesar.

ALEIXO

Peço-vos que mas conteis.

DIABO

A mim muito me apraz,  
Pois que saber as quereis,  
Escutai e ouvireis  
E vereis como são más.  
Sabei que em Roma havia  
Um homem grande senhor,  
E ainda hoje em dia  
Era de grande valia,  
Quase como o Imperador.  
Este tão honrado homem  
Tinha um tão belo filho,

Que Aleixo tinha por nome,  
Não há nenhum que assome,  
Quanto era virtuoso,  
Temia tanto o senhor,  
Guardando sua doutrina,  
Cresceu tanto o seu valor,  
Que o casou o Imperador  
Com a sua filha Sabina.  
Assim que houvera de herdar  
Todo o universo mundo,  
Melhor fora não casar,  
Pois havia de deixar  
Um bem tão grande e jucundo.  
Se o Imperador falecer,  
Segundo os dias se vão,  
Uns quererão senhores ser,  
Outros não obedecer,  
Vindo com a guerra na mão,  
Da qual dará conta a Deus  
Aquele Aleixo coitado,  
Quando for nos altos Céus  
Por essa causa, que os seus  
Hajam fim tão desastrado.  
Dos que ali morrerão  
Serão cheias as caldeiras,  
Oh quão lesto andarão  
Satanás e Tamulcão  
A deitá-los nas fogueiras,  
Pois mais há aqui que dizer,  
Que te fará espantar,  
Que sua gentil mulher,  
Vendo que o não pode achar,  
Mandou logo apregoar  
Por toda aquela cidade,  
Que quem a quiser gozar,  
Que ela não se há-de negar  
A homem de qualidade.  
Quereis saber uma graça?  
Eu também pequei com ela  
Assim pobre, e de má graça;  
Enfim que é tão devassa,  
Que muitos olham para ela.  
Tudo isto ela faz  
Por Aleixo desonrar,  
Queixando-se dele assaz,  
Que se foi sem a gozar.  
Coitado do pecador  
Pois que tanto bem perdeu,  
Perdeu de ser grande senhor,  
Perdeu a dama melhor,  
Que nunca em Roma nasceu.  
Que te parece, irmão?

Bem creio que nunca viste  
No mundo tal perdição,  
Assim tenha a salvação,  
Como não como de triste.  
Pois não queres responder,  
Fica-te muí na má hora,  
Que não me posso deter:  
É o que te queria dizer,  
Fica-te muito embora.

*Vai-se o Diabo, e fica Aleixo espantado, e vindo os embaixadores para o buscar, diz um deles:*

EMBAIXADOR

Senhor, nós outros queremos  
Ir-nos à nossa pousada,  
Pois que novas, não sabemos  
Do bem que todos perdemos  
Por demais é nossa estada.

IMPERADOR

Deus nos queira socorrer  
Da nossa tribulação,  
Por seu infinito poder;  
Porque bem nos faz mister  
A sua consolação.

SABINA

Oh esposo, e senhor meu  
Flor dos que no mundo estão,  
Nunca nenhum já perdeu  
Perda tão grande, como eu  
De quantos no mundo são.

AGLAIS

Filha minha, não queirais  
Lastimar meu coração  
Com estas palavras tais,  
Porque me acrescentais  
Minha desconolação.

SABINA

Peço-lhe, que logo vamos  
Que eu a não hei-de deixar,  
Até que novas tenhamos  
De prazer, ou de pesar.  
Jamais enquanto eu viver,  
Deixarei de trazer dó;  
Se meu esposo não vier,  
Por companheira hei-de ter

Comigo tristeza e só<sup>6</sup>.

IMPERADOR

Em esta contrariedade  
Da *fortunosa* opressão,  
Deves mostrar a bondade;  
Porque na adversidade  
Se conhece o coração  
Olhai como foi conhecido  
José, filho de Jacob,  
Tendo-o todos por perdido,  
E não é aquele só.  
Assim como escapou  
José de dentro do poço;  
E tanto bem alcançou,  
E como seu pai o cobrou,  
Cobraremos nós o nosso.

AGLAIS

Deus lhe dê o galardão,  
Pois assim quis consolar  
O meu triste coração.

EUFEMIANO

Não façamos mais detença  
Dê-nos Vossa Majestade  
E Senhora licença.

IMPERADOR

Deus vá em presença.

EUFEMIANO

*Comvosco* fique a Trindade.

*Aqui se vai Eufemiano e Aglais e Sabina à sua  
estância; e cerrar-se-ão as cortinas e agora Aleixo  
espantado, e diz esta oração:*

ALEIXO

Jesus, filho de David,  
Senhor, *miserere mei*,  
Porque não vá contra ti,  
Lembra-te, Senhor, de mim,  
Pois tanto mister te hei,  
Oh *Domine Criador*,  
Senhor dos Céus e da Terra,  
Forte, firme, defensor,  
Capitão e vencedor,  
Paz de minha crua guerra.  
Temor de meus inimigos,

Vingança de quem nos prende,  
Guardador de meus perigos,  
Amigo de meus amigos.  
Ofensa de quem me ofende,  
Morte de quem me matou,  
Vida de quem me faz vivo;  
Vós sois só quem me soltou,  
Quando fui preso e cativo.  
Pois de preso me soltastes  
Com vossa morte notória,  
Peco-vos que não queirais,  
Que nos vícios mundanais  
Me façam perder a glória.

*Aqui vem o Diabo em figura de caminhante, e diz*

DIABO

Aonde vais<sup>7</sup> peregrino,  
Assim com tanta fraqueza,  
Vejo-te ir tão mofino<sup>8</sup>,  
Que de teu pesar continuo  
Eu tomo grande tristeza.  
Digo-te certo em verdade,  
Se Deus me dera riqueza,  
Para fazer caridade,  
Ninguém tivera pobreza.  
Porque agora mal pecado  
Como tu sabes mui bem,  
Todo pobre é desonrado,  
E ninguém é acatado,  
Senão aquele que tem.  
Que neste mundo coitado  
Ninguém estima saber,  
Nem o ser homem letrado;  
Seja um desmazelado,  
E tenha bem que comer,  
Quero-te uma cousa dizer,  
Que fez um homem mesquinho,  
De que espanto podes ter;  
E não o poderás crer,  
Porque não leva caminho.  
Um homem, Aleixo chamado,  
Era mui grande senhor,  
De grande riqueza e estado;  
E era em Roma casado

<sup>7</sup> No original a forma que se encontra é *vás*; cf. mirandês *bás*.

<sup>8</sup> Palavra muito comum nos textos vicentinos, significando triste, melancólico. De origem incerta, na opinião de Corominas mas de raiz árabe, segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola. Cf. castelhano *mobino*.

<sup>6</sup> A forma “correcta” deverá ser “dó”.

Com a filha do Imperador,  
A qual é tanto formosa,  
Tão graciosa e tão bela,  
Tão gentil e tão lustrosa,  
Que não há pedra preciosa,  
Que se iguale a ela.  
Foi-se, e deixou-a ficar,  
Que não sabe onde é ido,  
E ela pelo desonrar,  
Dá-se a quem a quer tomar,  
Como de mulher de partido.  
Eu te digo de verdade,  
Que eu a conheci também  
Muitas vezes na cidade,  
Dá-se de boa vontade,  
Sem tomar nada a ninguém.  
Disse Deus: pela mulher  
Deixará o filho ao pai,  
E quantas cousas tiver,  
Irmãs, amigos e haver,  
E assim também sua mãe.  
Disse mais: multiplicai,  
Crescei e enchei a terra.  
Fazei filhos e casai,  
O que contra isto vai,  
Muito gravemente erra.  
Também a Abraão disse:  
Crescerá tua semente,  
Mais que as estrelas dos céus;  
De ti procederão os meus,  
Como foi isto evidente,  
Olha tu, El-Rei David,  
E seu filho Salomão,  
E Jacob no Génesis,  
Que casou segundo ouvís,  
Com duas filhas de Lobão.  
Pode-se Aleixo chamar  
O homem mais desonrado,  
Que nunca ouviu falar;  
Por querer assim deixar  
Um bem que é tão desejado.  
Pois me não quereis falar;  
Fica-te embora, irmão;  
São horas de caminhar,  
Porque me quero mudar  
Para o lugar donde são.

ALEIXO

Senhor Jesus poderoso,  
Remédio dos atribulados,  
Rei dos reis mui poderoso,  
Sois mais misericordioso,

Do que são nossos pecados.  
Eu vos rogo, pois quisestes  
Ser por mim crucificado,  
O que nunca mereceste,  
Que sempre vos tenha prestes,  
E me livreis do pecado.

*Aqui vem o Diabo em figura de pobre, pedir esmola  
a Sabina esposa de S. Aleixo e diz:*

SABINA

Rogo-vos, queirais rogar  
A Deus por sua clemência.  
Que me queira consolar,  
Para não desesperar  
Com alguma impaciência.

DIABO

Novas lhe quero eu dar  
Que são de grande prazer,  
As quais não quero calar;  
Aleixo a virá visitar  
O mais cedo que puder  
A isto só venho eu  
E por mim manda dizer,  
Que o anel que ele deu  
O dia, que a recebeu,  
Que lhe roga que mo dê  
Que muito lhe faz mister;  
Nisto lhe fará mercê.  
Não me disse para quê,  
Nem sei para que o quer  
Pois ele me deu a mim  
Este outro sinal também,  
Porque creia que é assim,  
Quando se partiu daqui,  
Disse que ia a Jerusalém.

SABINA

Pelos sinais que me dais  
Creio ser tudo verdade.

DIABO

Dai-mo, não vos detençais  
E convém que o não digais  
A pessoa da cidade.

SABINA

Dizei-lhe que lhe rogo  
Com viva fé e firmeza  
Que não tarde de vir logo,  
Que por ele todo o povo

Vive com grande tristeza.

DIABO

Quando agora tudo é meu  
Pois que já tenho *aferrado*<sup>9</sup>  
O anel, que ele lhe deu  
Agora enganarei eu  
Aquele triste coitado.

*Aqui vem o Diabo a tentar S. Aleixo em figura  
de cortesão e diz:*

DIABO

Onde vais, irmão assim  
Triste e cheio de pesar?  
Grande paixão tenho de ti,  
Folgará de ter aqui  
Algum bem para te dar.  
De Roma é minha jornada,  
Nela gastei quanto tinha,  
Passei tanta embrulhada,  
Que não me ficou espada,  
Nem adaga, nem bainha.  
Tive uns negros amores  
Com uma mulher malvada,  
Porém chamo-lhe eu dores,  
Que gastei com seus primores  
Tudo sem me ficar nada.  
O que eu tenho *gastado*<sup>10</sup>,  
Foi por andar guarnecido,  
Que neste mundo coitado,  
Não vejo ninguém acatado,  
Só quem anda bem vestido.  
Eu muitos vejo não ter  
Do seu somente dois cravos<sup>11</sup>.  
E dar-lhe outrem de comer,  
E então por merecer,  
Furtam por trazerem garbos.  
Mulheres vejo casadas,  
Mais nobres do que tu estás,

<sup>9</sup> Deverá ler-se “aferrado”: agarrar com força?

<sup>10</sup> A forma fraca do particípio passado do verbo “pagar” (pagado) alternava livremente com a forte (pago) até ao século XVI, tal como acontecia com outros verbos (gastado/gasto; ganhado/ganho). Para mais informações sobre este assunto ver: Anabela Leal de Barros, *O particípio passado: aspectos da sua morfologia do século XIII ao século XVI*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa [iné dita], 2000,

<sup>11</sup> Possivelmente “dois chavos”. Do castelhano *ochavo*, moeda de pouco valor, mandada cunhar por Felipe III, de Espanha e II de Portugal (1578-1625).

Andarem *mui* rebicadas<sup>12</sup>  
Com saias de verdugadas<sup>13</sup>  
Dez palmos de rabo atrás.  
Os seus maridos coitados,  
Como cães a trabalhar,  
Descalços, esfarrapados,  
Despidos, escalavrados,  
Ganhando para lho dar.  
E não nos podem manter  
Pois que lhe dão verdugadas<sup>14</sup>,  
Já me debes entender,  
Assim tenha eu prazer,  
Como merecem espancadas.  
Se tudo que pouco vale,  
Se empenha, por se vestir,  
Se eu sou de sangue real,  
Não cuides tu que fiz mal  
Despender, por me luzir,  
E mais por este senhora,  
Que me dá vida e ma torna,  
Que me é a mais superiora,  
Que há na cidade de Roma.  
Esta Sabina chamada,  
É filha do Imperador.  
Tem agora tão má fama,  
Que eu a tomar por dama  
Foi por seu alto primor.  
E vendo-me tão lustroso,  
Este seu anel me deu,  
Que o tivesse por meu,  
Olha como é formoso.

*Vendo Aleixo o anel, torna para traz e diz o  
Diabo:*

DIABO

Dize-me amigo, que hás?  
Que sentes? De que te queixas?  
Quem és tu? Aonde vais?  
Ou porque tornas atrás,  
E o teu caminho deixas?  
Sei que te achas mal sentido,  
E queres ir à cidade,  
Se tu nela és conhecido,  
Eu te darei meu vestido,

<sup>12</sup> O mesmo que arrebicada.

<sup>13</sup> Saia de roda.

<sup>14</sup> O autor parece fazer um trocadilho com base na palavra *verdugada* que significa saia mas também crueldade. A forma é oriunda de VIRGULTUM (ramo que se tira da árvore), que está também na origem de palavras como verdugo, vergõntea, etc.

Por haver de ti piedade.

*Vem um Anjo e diz:*

ANJO

Está da parte de Deus,  
Falso, perverso inimigo,  
Não enganes os servos seus,  
Que eu venho dos altos céus  
Livrá-los de este perigo.  
Amigo, tem fé firme e forte.  
Acaba o que começaste:  
Que o Senhor da Eterna Corte<sup>15</sup>  
Te dará depois da morte  
Glória pelo que passaste.  
Toma, amigo, o teu anel.  
Não te engane nem te agaste  
Este inimigo cruel,  
Que tua esposa é fiel,  
E virgem como a deixaste.  
O inimigo malvado,  
Para te enganar com ele,  
Lho pediu por teu mandado  
Contando-lhe o passado,  
E tudo que lhe disseste.  
Este é o que te disse  
Por te vezes por te vencer,  
Eu te rogo amigo meu,  
Que o falso dizer seu  
Não te queira demover.  
Porque quanto te dizia  
De tua tão casta esposa,  
Mui falsamente mentia,  
Porque está hoje em dia  
Mui casta e mui formosa.  
Inimigo da verdade,  
Vai-te logo para o inferno,  
E não uses de tal maldade;  
Eu quero ir aos Céus,  
A bênção do Omnipotente,  
Três pessoas em um só Deus,  
Te cubra e te acrescente.

*Vai-se o Anjo, e põe-se Aleixo de joelhos e cantarão; e acabando de cantar, chega Aleixo onde está feita Jerusalém, e diz:*

ALEIXO

Senhor dos Imperadores,  
Que pelo pecado de Adão,

Sofrestes tão grandes dores,  
E livrastes os pecadores  
Do lago da perdição.  
Em este santo lugar  
Fostes vós crucificado,  
Para todos nos salvar,  
No qual eu não hei-de entrar,  
Sem por vós me ser mandado.  
Rogo-te meu Redentor,  
Que tu queiras revelar  
A este indigno pecador,  
Quando for merecedor  
De ver teu santo lugar.

ANJO

Digno és tu de entrar,  
Servo de Deus e amigo,  
E não queiras recear,  
Que da parte de Deus t'ó digo.

*Aqui Aleixo, como que visita os santos lugares, e entretanto cantarão e depois diz:*

ALEIXO

Muitas graças sejam dadas  
À Santíssima Trindade,  
Três pessoas são chamadas,  
Em um só Deus ajuntadas,  
Como eu creio por verdade.  
Por da vanglória fugir,  
Quero-me a Roma tornar,  
Aí quero a Deus servir,  
Enquanto vivo durar.

*Aqui se vai a Roma, a casa de seu pai, e achando seu pai à porta, diz:*

ALEIXO

Dai-me pousada, senhor;  
Que Deus sempre a queira dar  
A Aleixo, donde ele for,  
Praza àquele Redentor,  
Que morreu por nos salvar.

PAI

Dize, peregrino, é assim  
Viste meu filho, meu bem?

ALEIXO

Senhor, certamente o vi  
Com ele comi, e bebi.  
Dormi em Jerusalém.

<sup>15</sup> “Eterna corte”, ou seja, o céu.



PAI

Louvado seja de continuo,  
Senhor, sempre o teu poder,  
Jesus Cristo mui benigno;  
Vamos logo peregrino  
Dize-lo à minha mulher,  
E à sua esposa Sabina;  
Porque está muito chorosa,  
E esta nova gloriosa  
A fará muito alegrar,  
Já não há razão de ter,  
Senhora, tanta paixão;  
Ouvi novas de prazer,  
As quais Deus nos quis trazer,  
Por nossa consolação.  
Este pobre que aqui vem,  
Me disse que Aleixo vira  
Dentro em Jerusalém,  
E junto com ele dormira.

MÃE

Dizei-me por vossa fé,  
Se vistes minha saudade?

ALEIXO

Senhora, assim Deus me dê  
A glória, como tudo é  
O que vos disse verdade;  
Porque eu o conheci,  
Andando peregrinando,  
Com ele comi, e bebi,  
Assim pobre como eu ando.

MÃE

Oh meu filho, meu prazer  
Herdeiro do triste padre;  
Como te poderá suster  
O coração sem vir ver  
A triste da tua madre?  
Oh gozo de meu prazer!  
Se eu soubesse onde estás,  
Eu só te iria buscar;  
Porque não vens consolar  
A minha tristeza assaz?

SABINA

Oh minhas dores mortais!  
Oh minha chaga penosa!  
Dizei, Senhor, onde estais?  
Porque não vos acordais  
Desta triste dolorosa?

Prouvera a Deus que pudesse  
Perder-me por vos cobrar!  
Porque eu só fenecesse,  
Com tanto que não perdesse,  
Memória de me lembrar.

PAI

Ireis logo aposentar  
Este pobre peregrino;  
Porque nos quis consolar  
Do nosso tanto pesar,  
Que tínhamos de contínuo.

MÃE

Dêem-lhe lugar de cear,  
Porque bem lhe faz mister  
De comer e repousar,  
Se aqui quiser estar,  
Esteja quanto quiser.

*Aqui lhe põem uma mesa rica, e diz Aleixo:*

ALEIXO

A mim não convém riqueza,  
Senão aquilo em que vivi,  
Que foi sempre em pobreza;  
Esta é, a que Deus preza,  
Esta tomou para si.  
Nem manjares delicados,  
Que meu Deus é o manjar,  
Que mantém glorificados,  
Os delicados pecados  
São manjares de pesar,  
Pão e água, amigos meus,  
Vos rogo que me tragais,  
Isto quero eu comer;  
Porque esta é a fartura,  
Que sempre me há-de suster.  
E não pôde falecer  
A quem só dele procura.

*Aqui lhe trazem pão e água, e acabando de comer  
diz o pai:*

PAI

Grande trabalho haveis levado,  
Razão é que descanséis,  
Um leito está aparelhado,  
Onde bem repousareis;  
Ide-o aposentar  
Logo no mais rico leito,  
Que em nossa casa achar.

CAMAREIRO

Senhor, o que ele mandou  
Será logo prestes feito.

*Aqui o leva pela mão a uma cama rica, e diz  
Aleixo:*

Meu senhor, não quero eu,  
Sendo homem tão pequeno,  
Tomar o que não é meu;  
Porque meu Deus não nasceu,  
Senão em cama de feno.  
Sua cama encortinada  
Foi a árvore de Vera Cruz,  
Onde foi atormentada  
Sua carne delicada,  
Por dar a nós outros luz.  
Suas ricas almofadas,  
Foi de espinho coroadado;  
Foram as fronhas lavradas,  
Açoites e bofetadas:  
Os lençóis e coberturas,  
Os colchões na cruz pregado.  
Foi sangue de seu tormento  
Os travesseiros, as dores;  
As cortinas, os clamores;  
O leito foi o moimento.  
A cama, que é mundanal,  
Não a quero nesta vida,  
Senão aquela Real,  
Que Deus me tem prometida.  
Licença me seja dada,  
Para poder repousar,  
Debaixo daquela escada;  
Não quero outra pousada,  
Nem outro melhor lugar.

PAI

Grande pesar me fazeis,  
Em não ser por mim honrado  
Assim como mereceis:  
Mas pois assim o quereis,  
Cumpra-se vosso mandado.

ALEIXO

Rogo àquele Rei sagrado  
Que lhe pague lá na glória,  
Quanto lhe sou obrigado;  
Enquanto eu for lembrado,  
Eu terei dele memória.

*Põem S. Aleixo debaixo da escada, e cantará um  
hino devoto; e diz o Anjo:*

ANJO

Amigo, servo de Deus,  
Procura de te alegrar,  
Que o Senhor dos altos Céus  
Me manda a ti consolar;  
Sê prestes aparelhado  
Para a gloria receber,  
Que já o tempo é chegado,  
Em que hás-de fenecer.

*Aqui passa o Camareiro junto com Aleixo, e diz  
Aleixo*

ALEIXO

Eu lhe rogo, meu irmão,  
Que me dê tinta, papel:  
Que Deus lhe dê salvação,  
E o livre da sujeição  
Daquele inimigo cruel.

CAMAREIRO

Triste de ti pecador,  
Sabes ler, e escrever,  
E jazes em esse fedor,  
Não morarás com um senhor.  
Que te dará de comer?  
De ti mesmo tenho dor,  
E tu não de teu tormento;  
Não sabes, que o Redentor,  
Que não quer do pecador,  
Senão só arrependimento.  
Se Deus perdoou a Adão  
E quantos lhe hão feito ofensa,  
Foi mais pela contrição  
De contínuo coração,  
Que já não pela *pendença*<sup>16</sup>.  
Assim que, amado irmão,  
Disto que te quis dizer,  
Não tomes senão atenção  
Porque é da minha paixão  
Grande de assim te ver.

*Enquanto isto diz escreve Aleixo a carta, e andam  
por cima da escada, e deitam cisco, diz Aleixo:*

Bento, louvado e exalçado  
Seja o nome do Senhor,

<sup>16</sup> (*Ant. Pop.*) O mesmo que penitência, castigo.

E Jesus crucificado,  
E por sempre glorificado  
Pois que se há acordado  
Deste indigno pecador.  
Oh Padre consolador  
Dos tristes desconsolados,  
Nosso Deus, e Redentor,  
Meu Senhor, e Salvador,  
Perdoai-me meus pecados,  
Senhor, *miserere mei*  
Quando ao teu reino for.  
Não te *alembre* que errei,  
Que confesso que pequei  
Muito contra ti, Senhor.  
Tu, Senhor, que padecendo,  
Passastes penas tão cruas,  
Morte não a merecendo;  
A minha alma te encomendo,  
*Oh domine, in manus tuas.*

*Aqui expira S. Aleixo, e tangem os sinos por si, e diz o Anjo ao Papa*

Servo de Deus mui amado,  
Não tenhas nenhum espanto,  
Seja por ti enterrado,  
Este precioso Santo;  
O qual corpo se achará  
Em casa do Senador;  
Não te tardes de ir lá,  
Que assim o manda o senhor.

*Vai o embaixador a casa de Eufemiano por mandado Papa, e diz:*

EMBAIXADOR  
Deus prospere o teu estado  
Em tanta honra e valia,  
Como merece acatado:  
Ao que sou enviado  
Saberá sua senhoria:  
Manda Sua Santidade,  
Que faça logo saber  
Isto, que agora disser,  
À Sua Real Majestade:  
Que com toda a sua gente,  
Sejam, em os pecados seus,  
E a Imperatriz presente  
Porque vejam evidente,  
O que é feito por Deus.

EUFEMIANO  
Dizei-lhe que eu mesmo irei,  
E que comigo o estado,  
E sua Real Majestade  
Pode vir quando quiser,  
Que eu cumprirei seu mandado.

*Depois de ido o Embaixador, diz Eufemiano:*

Senhoras, mui bem fareis,  
Que com bom zelo, e amor,  
Todas vos aparelheis,  
Para a vinda do Imperador.

AGLAIS  
Seja, o que ele diz, senhor,  
Não sei, o que isso pôde ser,  
Que Deus nos quer demonstrar,  
Eu oiço os sinos tanger,  
E esta casa esclarecer,  
Que é muito de considerar.

SABINA  
Certo, famosa senhora.  
Em verdade pôde ser;  
Que eu sou tão gran pecadora,  
Que não sou merecedora  
De tão gran mistério ver,  
Pois que eu por pecadora,  
E ser grandes meus pecados,  
Perdi meu prazer e glória,  
E cobrei mores cuidados:  
Que os mais desesperados  
Seus males são a vitória.

*Aqui vem o Embaixador, e a Imperatriz, e diz o IMPERADOR*

Louvado seja o Senhor  
Sempre nos Céus, e na terra,  
Pois que no tempo melhor  
Nos levastes o sucessor,  
E deixastes com tal guerra.

EUFEMIANO  
Devemo-nos consolar,  
Com a esperança que temos,  
Virá, sua Santidade  
Com devota procissão  
E dirá sua tenção  
Descobrimdo-se a verdade  
Que por nos apaixonar,

Não poderemos cobrar  
O bem que todos perdemos.

*Aqui vem o Papa, e quatro Cardeais em  
Procissão, cantando “Te Deum Laudamus”, e diz  
o Papa*

Príncipes mui gloriosos,  
Princesas esclarecidas,  
Em o mundo poderosos,  
Os mais grandes, e famosos,  
Que há nas quatro partidas,  
Bem viram o claro sinal,  
Que por Deus nos foi mostrado,  
Pela graça divinal,  
A mim o há revelado.  
Uma voz dos altos Céus  
Me disse, que em este Paço  
Está um Santo de Deus,  
Busquem-no logo com os meus,  
Sem lhes darmos mais espaço.

CARDEAL  
Saberá Sua Santidade  
Que ali debaixo da escada,  
Vi tão grande claridade,  
Que estou cego sem ver nada.

EUFEMIANO  
Vamos lá por vossa fé:  
Quem será este tão digno,  
Por quem tais sinais se vê.

CARDEAL  
Senhor sem dúvida é  
Nosso pobre peregrino.

EUFEMIANO  
Ele certo deve ser;  
Segundo a *gran* penitência,  
Que sempre lhe vi fazer,  
Bem merecia de ser  
Digno de tal preeminência.

PAPA  
Não façamos mais demora  
Assim juntos, como estamos.  
Vamos logo nesta hora,  
Honra todos lhe façamos.

EUFEMIANO  
Uma carta na mão tem:

Alguma cousa ele quer;  
Vejamos o que nela vem.

IMPERADOR  
Ao Santo Padre convém,  
Que a tome e faça ler.

PAPA  
Santo Bem-aventurado,  
Glorioso entre os Céus,  
Este escrito cerrado,  
Rogo-te me seja dado  
Da parte do Senhor Deus.  
Pois a mim a não quis dar;  
Peçam-lhe os Cardeais,  
E quanta gente se achar;  
Devem logo começar,  
Primeiro os principais.

1º CARDEAL  
Rogo-vos, Santo bendito  
Que vos praza conceder,  
Que vejamos este escrito,  
Porque o mistério infinito  
Dele possamos saber.

2º CARDEAL  
Ainda que eu não mereça  
Ver os mistérios que tem,  
Por serem de tanto preço.  
Eu lhe rogo, e lho peço  
Que este escrito se me dê.

3º CARDEAL  
Peço-lhe, pela encarnação  
De Jesus de Nazaré,  
E por sua santa paixão,  
E pela Ressurreição,  
Que este escrito se me dê.

4º CARDEAL  
Santo que na glória estais  
Pois tanto bem mereceis  
Pela graça que alcançais,  
Peço-vos que a mim mo deis.

PAPA  
Creia, filho, em verdade,  
Que a quem esta carta der,  
Será de *gran* santidade;  
Peça-lhe a sua Majestade,  
E depois dele quem quiser.

IMPERATRIZ

Eu, vos rogo pelo amor,  
Da Virgem Santificada,  
Mãe do nosso Redentor,  
Que sem ser merecedora,  
A carta me seja dada.

IMPERADOR

Eu em nome da Trindade  
Padre, Filho, e Espírito Santo,  
Que é toda a Divindade,  
Cumprirei minha vontade,  
Não porque mereço tanto.

EUFEMIANO

Santo corpo, eu bem vejo  
Que não sou merecedor  
De alcançar bem tão sobejo  
Como este que desejo,  
Nem pedi-lo por favor.

AGLAIS

Como nós temos por fé  
A tua certa vitória:  
E bem manifesto é  
Porque segundo se crê,  
A tua alma está na glória,  
Por tanto eu não sou digna  
Para tuas mãos beijar:  
Por tua clemência benigna,  
Que me queirais perdoar.

SABINA

Rogo-te, da parte de Deus  
E de S. João Baptista,  
Dos Santos todos do Céu.  
Por S. Marcos e S. Mateus,  
Lucas, João Evangelista,  
E pela Virgem Maria,  
Também por Santa Luzia,  
E pela Virgem Santa Iria,  
Também por S. José:  
Peço-lhe pelo poder  
E dos que já tenho dito,  
Que ma dê sem mais deter.  
Porque todos possam ver  
O que nela vem escrito.

*Aqui abre a mão e dá a carta à sua esposa  
Sabina, e diz ela ao Papa:*

SABINA

Senhor, pois nele adora  
Todo o povo Cristão,  
Leia esta carta agora:  
Que não sou merecedora  
De ter o papel na mão.

PAPA

Princesa mui excelente,  
Pois que Deus lhe deu tal dom,  
Era dele suficiente,  
De tomá-la sou contente,  
Mas não por essa razão.

*Carta de Santo Aleixo*

Como quer que a *amargosa*<sup>17</sup>  
Vida do mundo cruel,  
Dana a alma gloriosa,  
Não se deve chamar saborosa  
Senão amarga como fel;  
Porque se olhar queremos,  
Os que no mundo andamos,  
O galardão, que havemos,  
É que quando falecemos,  
Tudo no mundo deixamos.  
Escassamente levamos  
À cova um grosso lençol,  
Com que nos amortalhamos,  
Dos tristes bens que gozamos,  
Valia de um caracol.  
E eu, vendo os meus danos,  
Deixei a falsa riqueza,  
Por fugir dos seus enganos,  
Assim que há vinte e quatro anos,  
Que deixei sua tristeza.  
Padre meu, e meu senhor,  
Senhora madre, e esposa,  
Deus console vossa dor,  
Altíssimo Imperador,  
E a Imperatriz famosa.  
Com devida reverencia  
Lhe peço a todos perdão  
De minha desobediência,  
Rogo à sua clemência.  
Que não receba paixão.  
Eu quando parti daqui,  
Para ir a Jerusalém,

---

<sup>17</sup> Esta é forma que encontramos na nossa versão. Contudo, a forma “correcta” deverá ser “amagorosa”. “Amargoso” é também a forma comum, em mirandês, para amargo.

Cumprir o que prometi:  
Tantos embaraços vi,  
Que contá-los não convém.  
Mas com ajuda de Deus,  
Pelos Anjos, que enviou,  
Vi os lugares todos seus,  
Que um só por ver não ficou.  
Rogo a Deus, que tenhais  
Na glória tal companhia,  
Quando do mundo partais,  
Não vos quero dizer mais,  
Porque escusado seria.  
Senão só que sou Aleixo,  
Filho de Eufemiano,  
E que de nada me queixo,  
Senão porque vos deixo  
No mundo cheio de engano.

#### MÃE

Oh acelerada paixão!  
Dores mais desiguais!  
Oh mortal tribulação!  
Oh ferido coração  
De feridas tão mortais!  
Oh Mãe sem alegria!  
Cheia de escuridade,  
Não quero viver um dia,  
Pois perdi minha alegria.  
Por mim quero que se diga  
Madre crua, mui guerreira;  
Tanto cheia de fadiga,  
Como cruel inimiga,  
De seu filho carniceira!  
Filho meu, eu te matei,  
Por pouco conhecimento,  
E pois tal fim te causei,  
Eu logo aqui morrerei  
Com doloroso tormento.

#### SABINA

Oh alma de minha vida!  
Vida do meu coração!  
Morte mortal afligida!  
Pesar triste sem medida!  
Pena sem consolação!  
Ser que não tem alegria!  
Prazer que não pode ser,  
Senão mortal agonia!  
Com minha chaga penosa!  
Que me trespassa as entranhas  
Oh mais triste, oh desditosa!  
Mais mesquinha que nasceu

Entre todas as montanhas.  
Oh meu dulcíssimo esposo,  
Não sei porque me deixaste  
Neste mundo tão *demnosso*,  
Falso, perverso, enganoso,

Cheio de tanto contraste!

#### PAI

Oh fortuna roubadora,  
Toda cheia de *falsia*;  
Falsa, cruel, matadora,  
Inimiga de alegria!  
Oh triste velho cansado  
Mais triste desventurado,  
Que foi no mundo nascido!  
Com quem me consolarei!  
Quem dará fim a meu pranto?  
Onde buscar-vos irei?  
Pois que perdido vos hei,  
Suspirar será meu pranto.  
Gemidos, pesar, temores  
Terei sempre em companhia,  
Choros, prantos e clamores,  
Sem nunca ter alegria.

#### IMPERADOR

Império sem sucessor,  
Como estás desamparado  
Já perdeste toda a flor.  
Quanta bonança te há dado,  
Não cuides de triunfar!  
Pois perdeste o sucessor,  
Teus triunfos sejam pesar,  
Tuas alegrias dor.

#### IMPERATRIZ

Oh desditosa nascida,  
A mais que nunca nasceu  
Já minha glória é perdida  
Já minha esperança é ida!  
Já meu prazer se perdeu!  
Já perdi minha vitória!  
Já perdi consolação!  
Já perdi prazer, e glória!  
Já tenho em minha memória  
Dores, tristeza e paixão?

#### PAPA

Cessem, Senhora, seus prantos  
O que havemos de fazer,  
Com *gran* honra o enterrar;

Que pelo muito chorar,  
Nem por isso há-de viver.  
Seja de todos honrado,  
Como é merecedor;  
Bento, louvado e exaltado  
Por sempre glorificado,  
Seja o nome do Senhor.

*Aqui levam a Santo Aleixo à sepultura cantando:  
“In exitu Israel de Aegypto”, e fenece a obra em  
louvor de Deus.*

**FIM**